**OS SABERES E OS CONHECIMENTOS DISCENTES PRESENTES NOS VARIADOS DISCURSOS EM MEIO À CRISE DE VALORES E ÀS MODERNAS MÍDIAS DIGITAIS: INSERÇÃO, LIBERDADE E ENVOLVIMENTO**

Moacir dos Santos da Silva[[1]](#footnote-2)

Sérgio Arruda de Moura[[2]](#footnote-3)

**RESUMO**

 O projeto visa a discutir os saberes e os conhecimentos discentes, analisando-se os seus discursos e valores e também sob a nova perspectiva tecnológica, tem como objetivo principal fazer uma reflexão acerca da metodologia e do ensino, inclusive da língua portuguesa e da sociologia, levantando-se situações que possam elucidar e respaldar as ações cotidianas em sala de aula, com base no ponto de vista do aluno, considerando sua vivência, valores, cultura e meio social, investigando também a sua utilização das diferentes fontes de informação, bem como os determinados recursos tecnológicos para se obter e consolidar conhecimentos.

**PALAVRAS-CHAVE**: Saberes discentes. Conhecimentos. Metodologia. Mídias digitais. Valores.

**1. Introdução**

 Considerando-se a importância e a atualidade dos vários estudos sobre a prática docente e o saber docente, bem como os saberes e os conhecimentos discentes em meio à crise de valores e às modernas mídias digitais, uma pesquisa que demonstre essa integração na área específica do ensino contribui para atestar a pertinência da correlação entre ensino, prática, discurso e saber docente/discente. Na perspectiva, as ações serão aproximadas aos ideais de teóricos como Paulo Freire, Maurice Tardif, dentre outros, que refletem em seus estudos as questões da prática, da experiência e das intervenções sociais na educação e preparação de alunos/ indivíduos para os contínuos embates com os diversos conhecimentos e as metodologias empregadas.

 Ademais, os aspectos emocionais/relacionais também devem ser considerados para a aprendizagem. A compreensão de que o repertório do aluno precede à sala de aula e que interfere decisivamente nos procedimentos escolares, pode ser um sinalizador eficaz para a ação docente.

Dentre os objetivos selecionados para a pesquisa, três são preponderantes. São eles: fazer uma reflexão acerca da metodologia e do ensino, inclusive da língua portuguesa, levantando-se situações que possam elucidar e respaldar as ações cotidianas em sala de aula, com base no ponto de vista do aluno, considerando sua vivência, cultura e meio social; analisar os saberes dos alunos no segundo segmento do ensino fundamental e no ensino médio, tabulando alguns saberes e dificuldades no que se refere à gramática, à leitura e à produção de texto; investigar a utilização das diferentes fontes de informação, bem como os determinados recursos tecnológicos para se obter e consolidar conhecimentos.

A pesquisa pretende a partir de reflexões e apontamentos de realidades diversas, apresentar os principais obstáculos atuais para um possível desinteresse e a não aprendizagem acadêmica, enfatizando aspectos sociais e culturais, como estímulos, sentido para a vida e as fantasias que a sociedade desperta nas pessoas. Tudo isso tabulado e partindo do contexto do aluno, para ser registrado em um livro específico.

A escolha das modalidades ocorre não somente pelo fechamento dos segmentos de ensino, mas também pela possibilidade de um registro mais efetivo e intenso da aprendizagem por parte do discente, já inserido no contexto da instituição pública há mais tempo e, por esse motivo, acredita-se que por isso obtenha maior bagagem e mais repertório a ser apresentado.

 A relevância do estudo e a produção de um material específico ocorrem também pela insistência dos alunos em uma contextualização e adequação dos conteúdos que lhes são apresentados. Ainda cabe ressaltar especificidades como a falta de professores, a ausência de um currículo básico, funcional e flexível e os ditos hoje, alunos especiais, com “tentativas” de inserção no processo.

 Com o foco demarcado, analisar as novas ferramentas educacionais à disposição de professores e alunos, sua eficiência, frequência e utilização tornam-se singulares para a discussão e sedimentação do assunto. Esse aluno que circula em meio às mais variadas demandas, com seus valores, recursos educacionais/ pedagógicos distintos e muitas possibilidades precisa ser melhor identificado e conhecido e é o que se objetiva a partir da pesquisa, para que se possa identificar, interagir e interferir, se for o caso, para uma posterior transformação.

**2. A questão histórica do conhecimento e dos saberes, via escola e outros meios**

Muitas pesquisas ao longo da história acarretaram facilidades para o homem e uma maior interação interpessoal, tornando o dia a dia mais equilibrado e abrindo portas para novos conhecimentos e consolidação de personagens singulares, que por conseguirem adentrar em espaços complexos, com suas instruções e saberes, tornaram-se diferenciados. Sobre isso, Maurice Tardif e Claude Lessard (2014), escreveram o seguinte:

Há cerca de quatro séculos, essa atividade social chamada instruir vem se constituindo, progressivamente, numa dimensão integrante da cultura da modernidade, sem falar de seus importantes impactos sobre a economia e os demais aspectos da vida coletiva, sobretudo políticos, tanto é verdade que o conceito moderno de cidadania é impensável sem o de instrução (TARDIF & LESSARD, 2014, p.7).

E assim precisa-se valorizar ícones como Alberto Santos Dumond, pela invenção do 14 bis e Albert Einstein pelo desenvolvimento da teoria da relatividade geral. Os conhecimentos desenvolvidos pelos citados são apenas exemplos dentre outros muitos, movidos por força de dedicação, trabalho, persistência e determinação. Porém, cada um dos citados e outros, ao longo da história, encontra-se em determinado estágio, isso graças a sua formação acadêmica. Os autores supracitados ainda nos colocam o seguinte:

De fato, dificilmente poderemos compreender o mundo social, no qual hoje vivemos, se não nos esforçarmos por reconhecer, antes de tudo, que a grande maioria de seus membros são escolarizados em diferentes graus e sob diferentes formas (TARDIF & LESSARD, 2014, p.7).

 Nesse contexto, passar pela escola ou não, em mais tempo ou menos tempo, acaba sendo bastante representativo; bem como instruir-se de outras formas, interagindo com as pessoas, pesquisando, dialogando. Assim, a escola e a experiência, os contatos cotidianos, os saberes e os conhecimentos são efetivados e significam muito. E focando no ensino escolar, ainda na perspectiva de Maurice Tardif e Claude Lessard (2014):

pode-se afirmar que o ensino em ambiente escolar representa, em igual título que a pesquisa científica, o trabalho industrial, a tecnologia, a criação artística e a prática política, uma das esferas fundamentais de ação nas sociedades modernas, ou seja, uma das esferas em que o social, através de seus atores, seus movimentos sociais, suas políticas e suas organizações, volta-se reflexivamente a si mesmo para assumir-se como objeto de atividades, projetos de ação e, finalmente, de transformação (TARDIF & LESSARD, 2014, p.7).

 O ser que se consolida por meio de todos os componentes citados, dentre eles a escola, as experiências, os contatos..., irá interferir nos diversos cotidianos. E a sua “boa formação” dará o tom adequado a tudo o que faça. Nessa perspectiva, a família e os valores também contam muito. Mas direcionando para a escola, Paulo Freire (1996) aponta caminhos para uma formação responsável do indivíduo.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? (FREIRE, 1996, p.30).

 Por que não discutir com os alunos a própria vida, o seu cotidiano, os valões a céu aberto em seus bairros, os jovens sendo mortos e punidos, em vez de educados, com oportunidades de lazer e cultura? Por que não fazer da escola um espaço de não só formação acadêmica, mas também de reflexão e atuação junto a determinadas realidades hostis, em que a dignidade humana é negada, em que o poder público instituído para assim fazê-lo não entra?

 Escola também é lugar de se discutir política, religião, educação, entretenimento, saúde, violência, dentre tantos aspectos, de forma democrática, respeitosa e objetiva, passando pelas diferenças, mas não deixando de lado a essência, os valores. E nada mais justo do que iniciar esse diálogo com jovens e adolescentes, entendendo os seus pontos de vista e construindo com eles boas alternativas para transformação e interação, mesmo que apenas ideológicas, naquele momento; no entanto, um planejamento que vislumbre uma formação cidadã a médio e longo prazos não pode deixar de fazer parte da organização curricular de um espaço educacional.

 Os jovens e adolescentes podem não estar ávidos por um ensino acadêmico de qualidade, mas estão vivendo os seus momentos imersos em um espaço e tempo específicos, diferentes e peculiares; por isso, especiais. Nesse contexto a tecnologia e as mídias digitais contam bastante, fazem parte de suas histórias, nasceram junto com muitos deles também. Dessa forma, esses possíveis novos inventores precisam, além de serem ouvidos e considerados, de espaço, condições e boa formação para plausíveis intervenções sociais nos caminhos em que circulam.

**3. Qual é o lugar do aluno neste contexto**

Falar de aluno é considerar que ele o é na sua integralidade. Um aluno não passa a sê-lo, somente quando chega à escola. Toda a sua história de vida o segue, ininterruptamente, por cada espaço, por cada decisão, por cada omissão – na fala ou no silêncio.

 Talvez, um dos grandes obstáculos da ação de um profissional da educação, em relação à lida diária, com esse grupo, seja essa consideração. Não resolve desqualificar ou tornar menor o que vem de informações, conhecimentos, crenças e saberes. É preciso mesclar, ponderar, aprender, apresentar e aceitar as contribuições e a própria vida pulsante que chega, de forma avassaladora, pronta para dizer que está presente e que precisa entender e ocupar o “seu” espaço.

Ainda nessa perspectiva, é muito importante entender os aspectos emocionais e os valores. E isso também é independente, particular; frutos das experiências e da própria condição que cada família possui pela interrelação social, pela idiossincrasia dos indivíduos e seus contatos cotidianos.

 Sobre isso, há outra contribuição de Paulo Freire (1996):

Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe, ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. (...) Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar (FREIRE, 1996, p. 33).

 E hoje, educar e formar implicam em todos esses aspectos primordiais, citados por Paulo Freire (1996). Não menos importante é a consideração que se deve ter em relação ao que dispõe as mídias digitais - com eficiência, prontidão e velocidade. Elas chegaram para ficar: contagiar e contaminar. A sua relevância não se discute, mas o norte, o rumo, a direção podem ser afetados. E isso não é pouco para uma geração rasa nos relacionamentos presenciais e com experiência limitada em relação a embates e acontecimentos significativos em seus vários aspectos: religiosos, políticos, sociais, dentre outros.

 Nessa perspectiva, produzir um material que apresente o perfil do discente que ocupa os bancos escolares, no cotidiano, poderá ser um grande facilitador para as relações que se estabelecem nesse espaço de conhecimento, bem como a sua relevância, partindo-se do pressuposto que os saberes e os interesses dos alunos não deveriam ser desconsiderados em nenhuma das hipóteses e que demarcando, estudando e analisando os aspectos que os circundam será ainda mais precioso no contexto.

 Na produção desse livro, duas modalidades de ensino serão privilegiadas, o nono ano do ensino fundamental e a terceira série do ensino médio e as disciplinas mais enfatizadas serão língua portuguesa e sociologia. Essa pesquisa ocorrerá com alunos de escolas públicas do município de Macaé e três aspectos serão contundentes no trabalho: os emocionais, os relacionais e os cognitivos; isso tudo partindo do espaço em que o aluno está inserido e suas interações.

 A pesquisa também reconhece, valoriza e percorre caminhos de estudiosos como Emile Durkheim que visualiza o ensino e a educação como um fio norteador entre gerações.

Em seu livro sobre educação e sociologia (1978), ele afirma que a educação é uma ação específica, exercida pelas gerações adultas, já formadas pela e para a vida social, sobre aquelas gerações mais jovens, ainda não completamente preparadas. Diz que (...) visa construir certo número de estados físicos, intelectuais e morais, considerados necessários para a manutenção da vida social. (...) A educação é pensada como elemento relacionado à construção da coesão social. (...) Ele ainda afirma que o que se entende por educação sofre variações relacionadas ao tempo e ao espaço onde a categoria é utilizada, e cita as cidades gregas como exemplo de sua hipótese. (...) tinha como objetivo principal conduzir o indivíduo para que se subordinasse cegamente à coletividade (CARNIEL & FEITOSA (org.), 2012, pág.11-12).

 E essa responsabilidade com as gerações posteriores e suas formas de pensar e agir acerca dos conhecimentos é que também será desenvolvida e respeitada nesta tarefa. Aqui, sem desvalorizar as conquistas e os avanços em relação à educação e à interatividade com os discentes, ao longo dos tempos, haverá uma avaliação e uma reflexão sobre a construção dessa nova cidadania, não apenas nos espaços escolares, mas extensivos a todas as realidades circunvizinhas em que esse aluno está inserido.

 Uma outra perspectiva sobre a pesquisa é consolidada quando Durkheim, em *Educação e Sociologia* (1978) afirma o objetivo grego de uma educação eficiente, prezando cegamente à coletividade. Isso é ímpar à medida que um cidadão bem formado nos aspectos cognitivos, emocionais e atitudinais volta-se/ interage de forma mais coletiva/ solidária e menos egoísta na sociedade a qual está inserido.

 Durkheim, agora em *As regras do método sociológico* (2001) fala da responsabilidade de uma geração mais experiente com as vindouras e de como isso pode ser produtivo e representativo.

Durkheim reconhece as influências dos membros de uma mesma geração uns sobre os outros. Porém, diz que o que interessa à educação é a influência exercida pelos adultos sobre as crianças e os adolescentes. É para essa ação que ele reserva o nome de educação. São as gerações adultas as responsáveis pela reprodução da organização social, e a educação é um dos instrumentos utilizados para este fim. (...) Nesta perspectiva, é um fator essencial e constitutivo da própria sociedade (CARNIEL & FEITOSA (org.), 2012, pág.12).

 Esse fator essencial e constitutivo que é a educação, quando bem trabalhado e oportunizado pelos adultos, poderá propiciar também para que não só se aprenda com eles; mas que já em tenra idade, criança aprenda com criança, com adolescente, com jovem, com todos, numa imbricação e entrelaçamento contínuos em que todos saem ganhando, onde conhecimentos e saberes enriquecem as pessoas, sem barreiras, demarcações ou obstáculos.

O aluno/filho respeitado, ouvido e considerado terá muito mais chances de interagir melhor com a sociedade onde está inserido, não só na perspectiva futura, mas já no momento presente, no seu lugar de atuação, da forma mais simplificada ou sofisticada, ratificando a importância de uma educação direcionada, pensada, persuasiva, que infelizmente nem sempre tem fórmulas prontas, mas requer tempo, paciência, atenção e inteligência.

**4. A literatura e sua revisão para a pesquisa**

Autores como Maurice Tardif, Paulo Freire, José Carlos de Azeredo, Edgar Morin e Jorge Larrosa embasam a pesquisa, com trabalhos que convergem com o tema, trazendo contribuições preciosas.

Tardif (2014), por exemplo, em seus estudos sobre *“Saberes docentes e formação profissional”*, discute acerca dos saberes das pessoas e sua efetivação.

(...) esses saberes (esquemas, regras, hábitos, procedimentos, tipos, categorias, etc.) não são inatos, mas produzidos pela socialização, isto é, através do processo de imersão dos indivíduos nos diversos mundos socializados (famílias, grupos, amigos, escolas, etc.), nos quais eles constroem, em interação com os outros, sua identidade pessoal e social (TARDIF, 2014, p.71).

Mesmo que isso seja tratado para solidificar a situação dos futuros professores, o mesmo “problema” ocorre com os alunos. Eles trazem as suas histórias das relações e interações com os seus pares em espaços específicos. E isso é significativo demais para ser tratado superficialmente.

Paulo Freire (1996) contribui muito para a pesquisa em duas de suas obras *“Pedagogia da autonomia”* e *“Essa escola chamada vida”.* Naquela, ele faz uma afirmação sobre a questão da “assunção” do indivíduo, enquanto alguém que traz a sua bagagem no cerne.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros (...) ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do “tu”, que me faz assumir a radicalidade de meu “eu” (FREIRE, 1996, p. 41).

 Lindo demais para apenas ser lido. Assumir-se como ser é ter as suas preferências, seu estilo, sua vida, sua história. Mas isso se torna pleno quando se depara com o outro e se aceita e respeita suas diferenças, mesmo quando há divergências. Sobre isso, o estudioso continua.

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. (...) A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância. A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado (FREIRE, 1996, p. 42).

 É uma formação democrática que se precisa desenvolver nas escolas atuais, mas uma democracia de fato coletiva e não excludente, capaz de realmente enxergar todas as partes e promover a assunção do sujeito. Nessa promoção, assim como já apontou Freire (1996), na citação anterior, os valores hão de ser relembrados, revisitados continuamente na sala de aula.

 A prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. (...) Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe, ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. E por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador (FREIRE, 1996, p. 33).

 Na perspectiva de Freire, o caráter formador no exercício educativo precisa ir além de um mero treinamento técnico. Conhecer a experiência de vida do aluno, os valores e contra valores que permeiam o seu cotidiano é uma forma inteligente para, no mínimo, o professor planejar a sua aula, em qualquer ocasião ou contexto histórico. Agradá-lo e também falar do que lhe é singular, como a terra em que pisa, metaforicamente, pode ser um prenúncio de êxito de uma estratégia. Assim como hoje desconsiderar questões tecnológicas e as mídias digitais, pode ser um prenúncio de fracasso. Sobre o assunto Freire (1996), aborda da seguinte forma:

Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado. De testemunhar aos alunos, às vezes com ares de quem possui a verdade, um rotundo desacerto (FREIRE, 1996, p. 33).

 O desacerto assusta, pode fazer com que se desprenda energia desnecessária e em demasia. Pode ser mesmo um desacerto a proibição dos celulares em sala de aula, pura e simplesmente, nos dias de hoje, mesmo o seu uso infringindo a questão da legalidade. É um assunto a ser muito debatido recentemente.

 E para isso se apresentam algumas situações discutidas no artigo *“Missão de professor”*, de Carlos Costa (2015), nele o autor expõe as reflexões de estudiosos acerca dessa nova juventude que deixa de ser um “estágio temporário no movimento em direção à maturidade e à vida adulta, torna-se agora carregada de arbitrária incerteza. O jovem é visto quase como um extraterrestre, um E.T. (e aparentemente ele gosta de se portar como tal)” (SARLO, 2000).

 A identidade dos jovens de hoje é inteiramente nova, ela advém de seu mergulho no crescente mundo global da mídia, que apresenta as especificidades do whatsapp, do instagram, do facebook, de imagens em alta velocidade, de um zapping sem fim, pelas centenas de canais da TV, experiências virtuais em 3D, dentre outras rotundas inovações tão interativas e tão complexas (SARLO, 2000).

Conhecer e interagir com essa nova realidade já era conselho de Paulo Freire quando apregoava que considerava essencial a validação e a inserção da cultura e especificidades dos discentes em todos os aspectos de planejamento de todos os projetos educacionais da escola. Ainda no artigo *“Missão de professor”*, Gabriela Campedelli (2004) endossa isso quando diz que existem muitas peculiaridades no que concerne aos comportamentos dos jovens contemporâneos. Eles chegaram ao mundo tecnológico envoltos a constantes evoluções na era digital, para essa clientela é comum manipular smartphones, Xbox, ler enquanto ouve música, assistir à televisão e conversar com um amigo, enquanto escreve palavras meio que criptografadas no chat da internet. Isso assusta e incomoda a educadores de outras gerações (CAMPEDELLI, 2004, p. 45).

Seguindo a discussão, José Carlos Azeredo em seu livro *“A linguística, o texto e o ensino da língua”*, premia as pessoas com um conceito de texto muito significativo com aquilo que se vai pesquisar.

os textos são objetos linguísticos investidos de função social no amplo e complexo jogo das interações humanas. Eles não são meros instrumentos, mas partes essenciais dos acontecimentos que dinamizam as relações sociais e fazem a história das sociedades, a própria face do relacionamento humano (AZEREDO, 2018, p. 40).

 Esse texto individual e peculiar que envolve a cultura e o meio do discente, com questões mentais, psicológicas e hereditárias, será extremamente importante para a pesquisa. Ele representa um verdadeiro tesouro que será trazido pelo aluno aos espaços escolares, principalmente por meio do tripé: oralidade, expressividade, silêncio.

 A possibilidade de afirmação advinda do autor estreita caminhos e propicia deleitar-se acerca de algo que é tão fluido, tão intrínseco ao ser humano, que é a linguagem, que por vezes tem-se uma naturalização injusta e superficial sobre o assunto, com exceção de alguns profissionais como os filósofos, os poetas e os lingüistas (AZEREDO, 2018, p.52).

 O autor acima será a referência, em se tratando da linguagem e suas mazelas, nesse contexto. No entanto, ainda haverá um embasamento, tomando como norte mais dois autores, o primeiro deles é Edgar Morin (2015), que em sua obra *“A cabeça bem feita”*, nos diz o seguinte:

A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. O que supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional (...). Esse destino comum, memorizado, transmitido, de geração a geração, pela família, por cânticos, músicas, danças, poesias e livros; depois pela escola, que integra o passado nacional às mentes infantis onde são ressuscitados os sofrimentos, as mortes, as vitórias, as glórias da história nacional, os martírios e proezas de seus heróis. Assim, a própria identificação com o passado torna presente a comunidade de destino (MORIN, 2015, p. 65-67).

 Uma cabeça bem feita é um cidadão mais equilibrado, com suas memórias ativadas, consciente de seu pertencimento a um grupo e das interferências que circundam esse meio. Essa aparição do ser para si mesmo e as confluências nas salas de aula com outras realidades também será um assunto em questão.

 O segundo e último dos autores trata-se de Jorge Larrosa (2016), em sua obra *“Tremores – escritos sobre experiência”*. O respaldo dado pelo autor, na ocasião, enfatiza sobre a importância do “eu” e de sua realidade.

E só nos sentimos viver se temos um “sentimento de realidade”, quer dizer, se estamos em contato com algo que mereça ser chamado de “real”. Além disso, há muitos âmbitos e muitos tipos e muitas dimensões da realidade, todas as que constituem nossa vida, todas as que nos tocam em um ponto sensível: o que vemos, o que sentimos, o que existe, o que inventamos, o que imaginamos, o que sonhamos, o que já não está e de que sentimos falta, o que acontece ou o que nos acontece. E é a isso que temos de ser fiéis no modo como o dizemos, o nomeamos, o representamos ou, em geral, o significamos (LARROSA, 2016, p. 112).

 A ocasião é de enfatizar a própria essência. É a ela que se deve ser fiel e advém das marcas da realidade, das experiências, encontros, confrontos, conflitos, concordância e divergência, frutos do vivido.

 O material explicitado com os seus respectivos autores foi a opção para a execução do trabalho. No entanto, tem-se a clareza de que o assunto é mais diretamente abordado pelo artigo *“Missão de Professor”*, de Carlos Costa e do livro *“Pedagogia da autonomia”*, de Paulo Freire e, por este motivo, haverá uma demarcação maior dessas obras; no entanto, todas as contribuições explicitadas, por outras fontes, serão destacadas em contraponto com os comportamentos dos discentes atuais, enfatizando suas relevâncias.

**5. Aspectos explicativos para justificar**

A falta de sintonia entre docentes e discentes, em relação ao que se ensina e o que se aprende e o como isso se efetiva tem trazido desconforto para as salas de aula. Os novos tempos, com uma releitura peculiar dos valores e o advento de novas tecnologias e suas potentes mídias persuasivas é um diferencial bastante considerável no contexto também.

Outro aspecto a ser considerado é a amplitude que se deve observar no tocante à diversidade. Não cabe no trato ao ensino público, nenhuma forma de discriminação. Nesse sentido, Paulo Freire (1996), diz o seguinte:

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... (FREIRE, 1996, p. 26).

 Entender a complexidade que envolve a formação da sociedade brasileira, bem como os modelos de família que se consolidaram ao longo de nossa história, é mais coerente para que se possa fazer uma leitura mais pertinente dos grupos que compõe os cidadãos brasileiros que ocupam as salas de aula. Nesse aspecto, não cabe escalonar, nem justificar determinadas ocorrências e sim agregar, entender, aceitar e se relacionar. Os espaços escolares, as salas de aula dos brasileiros precisam ser deles e representá-los, agregando ética e valores, com diversidades de conhecimentos e com o máximo respeito.

 Nesse sentido a pesquisa poderá contribuir nos seguintes aspectos: colaborar na compreensão dos saberes/conhecimentos que os alunos apresentam no cotidiano, bem como suas fontes e a significância disso para a sua história de vida; dialogar acerca das metodologias e dos possíveis encaixes das práticas docentes e dos conhecimentos tradicionais para equacionar o que é essencial com as demandas trazidas pelos discentes e viabilizar situações para o trabalho contemporâneo com o uso das ferramentas digitais, observando-se postura ética e a efetividade das ações.

 O processo de desnudar o “eu” nos espaços das salas de aula está em consonância com o pensamento de Edgar Morin (2015), quando conceitua o sujeito:

Eu diria, portanto, que a primeira definição do sujeito seria o egocentrismo, no sentido literal do termo: posicionar-se no centro de seu mundo. De resto, o “Eu”, como já observamos várias vezes, é o pronome que qualquer um pode dizer, mas ninguém pode dizê-lo em meu lugar. O “Eu” é o ato de ocupação de um espaço que se torna centro do mundo (...). Ou seja, a identidade do sujeito comporta um princípio de distinção, de diferenciação e de reunificação. Esse princípio bastante complexo é absolutamente indispensável, pois permite qualquer tratamento objetivo de si mesmo (MORIN, 2015, p. 120).

 É sobre esse sujeito pulsante e cheio de expressão e seus possíveis saberes/ conhecimentos que se vai pesquisar, considerando os princípios apresentados por Morin (2015): de distinção, de diferenciação e de reunificação, para de fato perceber a essência desse indivíduo que pede passagem nos dias atuais. Atender ao seu pedido nada mais é do que reconhecer que o tempo passa e que existem ajustes a serem feitos, novas estratégias a serem empregadas, em meio a valores que podem não terem sido alterados.

 A pesquisa pretende, a partir de reflexões e apontamentos de realidades diversas, apresentar os principais obstáculos atuais para um possível desinteresse e a não aprendizagem “acadêmica”, enfatizando aspectos sociais e culturais, como estímulos, sentido para a vida e as fantasias que a sociedade desperta nas pessoas: inclusive as drogas e os lucros fáceis. Tudo isso tabulado e partindo do contexto do aluno, para ser registrado em um livro específico.

**6. O percurso e as especificidades da pesquisa**

A pesquisa é de natureza qualitativa, bibliográfica e também de campo e tomará como base as concepções de Minayo (2007) e Lüdke & André (2017). Nas perspectivas, pode-se destacar o seguinte, em relação a um dos principais personagens, enquanto colaborador de um conhecimento científico:

O papel do pesquisador é justamente o de servir como veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento construído na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa. É pelo seu trabalho como pesquisador que o conhecimento específico do assunto vai crescer, mas esse trabalho vem carregado e comprometido com todas as peculiaridades do pesquisador, inclusive e principalmente com as suas definições políticas (...) (LÜDKE & ANDRÉ, 2017, p. 5).

 Assim, mesmo que haja ciência da dificuldade acerca de uma possível neutralidade por parte do pesquisador, as informações serão levantadas com o maior respeito e cuidado possíveis, para que haja o menor grau de parcialidade, corroborando a fidedignidade do que for coletado e com os próprios resultados.

 O desenvolvimento da pesquisa será por meio da leitura de outros textos de mesmo assunto, principalmente artigos, e da observação, aplicação de questionário e entrevista em seis salas de escolas públicas do município de Macaé, três de nono ano, do ensino fundamental e três de terceira série, do ensino médio.

 O início será com a leitura de, pelo menos, 05 (cinco) artigos, (pesquisados no Portal da Capes) com o mesmo assunto, ou seja, *Os saberes e os conhecimentos discentes envolvendo mídias e valores* e registros dos pontos convergentes e divergentes, com o foco de interesse do trabalho. Destacam-se aqui dois deles: [*Construção de conhecimento em ambiente digital: a importância da perspectiva dialógica*](http://link.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41/?ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2020-05-30T13%3A40%3A13IST&url_ver=Z39.88-2004&url_ctx_fmt=infofi/fmt:kev:mtx:ctx&rfr_id=info:sid/primo.exlibrisgroup.com:primo3-Article-proquest&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:journal&rft.genre=article&rft.atitle=CONSTRU%C3%87%C3%83O%20DE%20CONHECIMENTO%20EM%20AMBIENTE%20DIGITAL:%20A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DA%20PERSPECTIVA%20DIAL%C3%93GICA&rft.jtitle=HOLOS&rft.btitle=&rft.aulast=Rocha&rft.auinit=&rft.auinit1=&rft.auinitm=&rft.ausuffix=&rft.au=Rocha,%20M&rft.aucorp=&rft.date=2018-01-01&rft.volume=34&rft.issue=5&rft.part=&rft.quarter=&rft.ssn=&rft.spage=151&rft.epage=162&rft.pages=151-162&rft.artnum=&rft.issn=15181634&rft.eissn=18071600&rft.isbn=&rft.sici=&rft.coden=&rft_id=info:doi/10.15628/holos.2018.4559&rft.object_id=&svc_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:sch_svc&rft.eisbn=&rft_dat=%3Cproquest%3E2154550220%3C/proquest%3E%3Cgrp_id%3E1961777669748263472%3C/grp_id%3E%3Coa%3E%3C/oa%3E%3Curl%3Ehttp://search.proquest.com/docview/2154550220/%3C/url%3E&rft_id=info:oai/&svc.fulltext=yes&req.language=por&rft_pqid=2154550220&rft_id=info:pmid/&rft_galeid=&rft_cupid=&rft_eruid=&rft_nurid=&rft_ingid=)*, de* Rocha, M.; Branco, M.; Simões, F.; Falbo, G., (2018) *e Ciberleitura na educação básica: realidade possível?* de Bruna Rafaela Evangelista Oliveira e Mayra Rodrigues Fernandes Ribeiro (2019).

Em seguida, ocorrerá uma observação do ambiente, principalmente dos alunos que o compõe, prioritariamente durante as aulas de língua portuguesa e/ou sociologia; posteriormente se aplicará um questionário com perguntas diversas, enfatizando os espaços por onde o discente percorre, projeções futuras, os principais enfrentamentos sociais (se houver), dentre outras especificidades. Ele terá o total de 10 (dez) perguntas, com 05 (cinco) alternativas, que serão numeradas de 1 a 5, na ordem crescente de importância.

Em outro momento, serão feitas entrevistas com 10 (dez) alunos de cada uma das turmas, com perguntas do mesmo enfoque do questionário, procurando-se diversificar os entrevistados por cor, classe social, sexo etc., o que perfará um total de 60 (sessenta) amostragens. Depois disso ocorrerá uma aproximação das respostas dos alunos com o que escreve alguns teóricos sobre o assunto, para uma análise comparativa e reflexiva dos aspectos qualitativos levantados.

A pesquisa será desenvolvida durante um ano e os bimestres escolares serão aproveitados para a dinamização da mesma. A intenção é que, de início, sejam levantadas as situações e suas posteriores análises, para uma apresentação dos dados e resultados ao final. No ano seguinte, o ajuste de tudo o que foi sondado e consolidado deverá ser organizado, dividido em capítulos e estruturado para a escrita de uma tese e, passar no ano posterior reajustando/revisando com o orientador e fazer os últimos aprimoramentos e adequações para, no último ano, além de se apresentar a tese, publicar-se um livro com os apontamentos de tudo o que foi adquirido durante todo o percurso.

 Seguem tabelas com a organização para um período de quatro (04) anos e seus respectivos meses.

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Etapas - 2020** | **Fev** | **Mar** | **Abr** | **Mai** | **Jun** | **Jul** | **Ago** | **Set** | **Out** | **Nov** | **Dez** |
| Revisão da literatura | X | X | X | X | X | X |  |  |  |  |  |
| Levantamento bibliográfico | X | X | X | X | X | X |  |  |  |  |  |
| Leitura de artigos |  |  | X | X | X |  |  |  |  |  |  |
| Observação dos alunos |  |  |  |  | X | X | X | X |  |  |  |
| Aplicação de questionário |  |  |  |  |  | X | X | X |  |  |  |
| Entrevista  |  |  |  |  |  | X | X | X |  |  |  |
| Análise dos dados |  |  |  |  |  |  |  |  | X | X |  |
| Apresentação dos resultados |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  | X |

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Etapas – 2021** | **Fev** | **Mar** | **Abr** | **Mai** | **Jun** | **Jul** | **Ago** | **Set** | **Out** | **Nov** | **Dez** |
| Organização da escrita e revisão da gramática | X | X | X | X | X | X |  |  |  |  |  |
| Organização do roteiro – capítulos |  |  | X | X | X | X | X |  |  |  |  |
| Revisão da leitura integral |  |  |  |  |  |  |  | X | X | X |  |
| Prévia de uma tese |  |  |  |  |  |  |  |  |  | X | X |

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Etapas - 2022** | **Fev** | **Mar** | **Abr** | **Mai** | **Jun** | **Jul** | **Ago** | **Set** | **Out** | **Nov** | **Dez** |
| Apresentação da prévia da tese a um possível orientador e reformulações | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** |

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Etapas – 2023** | **Fev** | **Mar** | **Abr** | **Mai** | **Jun** | **Jul** | **Ago** | **Set** | **Out** | **Nov** | **Dez** |
| 1ª revisão integral – pós orientação | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** |  |  |  |  |  |  |
| Revisão e redação final |  |  |  |  |  | **X** | **X** | **X** |  |  |  |
| Apresentação da tese |  |  |  |  |  |  |  |  |  | **X** | **X** |
| Adaptação para livro |  |  |  |  |  |  |  |  | **X** | **X** | **X** |

**7. Considerações finais**

 Depois de todo o percurso percorrido a intenção é encontrar parâmetros para que se possa caminhar de maneira mais ajustada, equilibrando o trabalho docente com os anseios dos discentes, abrindo novas perspectivas em relação ao ensino, não só da língua portuguesa, mas das ciências exatas, das humanas e das novas possibilidades de ensino/aprendizagem que podem inserir/criar as diversas mídias digitais, sem perder, no entanto, a essência dos valores nessa interação.

 Os possíveis gráficos e tabelas levantados, depois das informações obtidas e do alinhamento com a ideologia dos autores explicitados, poderão contribuir para a compreensão dos saberes/conhecimentos que os alunos apresentam no cotidiano, bem como a significância disso para a sua história de vida; para um diálogo acerca das metodologias e dos possíveis encaixes das práticas docentes e dos conhecimentos tradicionais a fim de equacionar o que é essencial com as demandas trazidas pelos discentes e ainda para viabilizar situações do trabalho contemporâneo com o uso das ferramentas digitais, observando-se postura ética e a efetividade das ações.

**REFERÊNCIAS:**

AZEREDO, José Carlos de. *A linguística, o texto e o ensino da língua*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

CARNIEL, Fagner & FEITOSA, Samara (org.). *Sociologia em sala de aula: diálogos sobre o ensino e suas práticas.* Curitiba: Base Editorial, 2012.

COSTA, Carlos. O papel do docente hoje é fazer parceria com os alunos. *Ensino Superior Unicamp, 2015*. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/o-papel-do-docente-hoje-e-fazer-parceria-com-os-alunos>. Acesso em: 05 de Nov. 2019.

DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

DURKHEIM, Emile. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FREIRE, Paulo & BETTO, Frei. *Essa escola chamada vida*. 10ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. – 1ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2ª ed. (reimpr.). Rio de Janeiro: E.P.U., 2017.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*; tradução Eloá Jacobina. 22ª ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura* / Edméa Santos. Teresina: EDUFPI, 2019.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 17ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

1. Doutorando em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), com bolsa CAPES. Endereço eletrônico: moacir.cap@gmail.com. [↑](#footnote-ref-2)
2. Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do CCH/UENF. Endereço eletrônico: arruda@uenf.br [↑](#footnote-ref-3)